

# Moral, ascetismo e niilismo em Nietzsche

## *Um percurso por Além do bem e do mal e a Genealogia da moral*

Luana Mara Diogo<sup>1</sup>

**Resumo:** No presente artigo tratamos da relação entre moral, ascetismo e niilismo a partir da filosofia de Friedrich Nietzsche. Utilizamos principalmente os escritos de maturidade do filósofo alemão, dando maior enfoque as obras *Além do bem e do mal* e *Genealogia da moral*. Nietzsche foi o principal teorizador do niilismo, entendendo o conceito como o grande vazio da modernidade. Aprofundar a pesquisa sobre tal noção relacionando-a com a moral e o ascetismo é atual, pois o problema niilismo adentra o século XX e torna-se importante nos debates da filosofia contemporânea.

**Palavras-chave:** Niilismo; Moral; Ascetismo; Vontade de verdade

**Abstract:** In this article we discuss the relationship between morality, asceticism and nihilism from Friedrich Nietzsche's philosophy. We mainly use the writings of maturity of the German philosopher, giving greater focus to the works *Beyond good and evil* and *The Genealogy of morals*. Nietzsche was the main theorist of nihilism, understanding the concept as the great emptiness of modernity. Deepening the research on this notion relating it to morality and asceticism is current, for the nihilism problem enters the twentieth century and becomes important in the debates of contemporary philosophy.

**Keywords:** Nihilism; Moral; Asceticism; Will of truth

---

<sup>1</sup> Mestre em filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e professora de filosofia da rede estadual de ensino. E-mail: luanadiogo@yahoo.com.br

## I

**N**a obra de 1886 intitulada, *Além do bem e do mal*, Nietzsche pretende, partindo do seu entendimento sobre dogmatismo e *vontade de verdade*, questionar até que ponto a noção de dogma e a noção de *Verdade*, entendida como *Universal*, ainda se sustentam. O homem traz consigo uma vontade de verdade, e até meados do século XIX, período em que Nietzsche produziu seus escritos, o que imperou foi a “verdade” de um determinado grupo, qual seja, dos dogmáticos. O filósofo alemão mostra que, ao invés de se pensar a partir das possibilidades, há casos em que os homens preferem se agarrar a tal vontade, e esta, encontra-se ligada a uma necessidade metafísica, ou seja, o homem troca o imanente pelo transcendente, perdendo assim uma visão perspectivística do mundo. Além disso, a ciência, ferramenta principal dos dogmáticos modernos, tendo como cerne a vontade de verdade, se difere pouco da moral vigente, ou seja, cristã. Isso porque ambas trabalham com valores morais que suprimem a vida. Em *Crepúsculo dos ídolos*, quando Nietzsche aponta o problema de Sócrates, ele diz: “Em todos os tempos, os homens mais sábios fizeram o mesmo julgamento da vida: ela não vale nada... Sempre, em toda parte, ouviu-se de sua boca o mesmo tom – um tom cheio de dúvida, de melancolia, de cansaço da vida, de resistência à vida”<sup>2</sup>.

A ciência seria uma espécie de crença que se máscara de razão, pois os valores que estão em sua base são os mesmos que estão na base do cristianismo. Ambos buscam uma verdade que valha para toda a humanidade, procurando assim limitar o olhar humano. Segundo Roberto Machado:

Se há continuidade entre ciência e moral é porque tanto a verdade quanto o bem são “valores superiores” ou aspectos da mesma realidade suprema de onde derivam todos os valores. E como é a vontade de nada que caracteriza os valores “superiores à vida”, os valores considerados superiores são negadores da vida: o que define o valor dos valores superiores é o niilismo.<sup>3</sup>

É importante trazer uma das primeiras denominações feitas por Nietzsche dos niilistas como “fanáticos puritanos da consciência”, e estes preferem “um nada seguro a um algo incerto para deitar e morrer”<sup>4</sup>. Essa primeira denominação nos ajuda a entender a citação acima. Neste mesmo aforismo, Nietzsche já surge com uma primeira ideia do que seria o niilismo, entendendo este como marca de uma alma

<sup>2</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. São Paulo: Companhia das letras, 2008. p. 17.

<sup>3</sup> MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985. p. 78.

<sup>4</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 15.

desesperada, extremamente cansada e fatigada.

Há naqueles que carregam tal *vontade de verdade*, uma necessidade exacerbada de se voltar para a fé antiga, abrindo mão das novas ideias, pensando ser essa a melhor maneira de viver. Nietzsche afirma que nisso há desconfiança, descrença, desgosto, desdém e náusea, ou seja, niilismo. Em *Além do bem e do mal*, ele traça a história da moral, afirmando ser esta a mais longa história da humanidade. Na pré-história o homem vivia em um *período pré-moral*, onde as ações eram julgadas a partir de suas consequências, ou seja, o ato era considerado positivo ou negativo partindo do resultado final. Porém esse período é superado por um período que o filósofo chama de *período moral*, onde há uma mudança de perspectiva e o que se leva em consideração é a origem da ação e não mais as consequências desta. Esse *período moral* vai até os dias de Nietzsche, e podemos afirmar que chega até nós, pois ainda avaliamos moralmente as ações partindo da intenção de cada agente. Não podemos ignorar que aqui há um problema, pois valeria a intenção mesmo se ela fosse de encontro à vontade de cada um? Evidentemente que não podemos dar maior atenção a esta problemática, pois teríamos que cravar uma discussão com Kant, que neste momento não é oportuna. No entanto, para cruzar os limites deste período moral, o autor de *Zaratustra* aponta para um momento *extramoral*, onde os imoralistas (no caso, ele mesmo) levariam em conta o caráter não intencional da ação, ou seja, nos aproximariamos do instinto e do inconsciente. Dessa maneira haveria uma superação da moral.

Tomando como ponto de partida essas informações, poderíamos então afirmar que no *período pré-moral* não há niilismo consumado, pois ainda não há a moral socrática-judaica-cristã. Partindo da teorização nietzschiana, vemos o niilismo como algo indissociável da moral, ou seja, o niilismo se dá quando há uma moral estabelecida, e por moral entendemos aquela que Sócrates gesta e que ganha forma com o cristianismo. Em última análise, sem moral não há niilismo de fato, havendo apenas a possibilidade de decadência, pois a decadência ocorre devido a um enfraquecimento da força.<sup>5</sup> É somente no período moral que o niilismo surge e se consolida. A exacerbação da moral torna o niilismo mais latente, e o homem não pode mais ignorá-lo. Assim, torna-se necessária a transição do período moral para o período *extramoral*, havendo aí a esperança de um salto para além do niilismo.

A superação da moral, num certo sentido até mesmo a auto-superação da moral, inclusive: este poderia ser o nome para o longo e secreto labor que ficou reservado para as mais finas e honestas, e também mais maliciosas consciências de hoje, na condição de

---

<sup>5</sup> Em Nietzsche a decadência está ligada diretamente ao orgânico, ao fisiológico, por isso a doença é para ele sinônimo de decadência, e ele próprio se assumiu como um *décadent*.

ardentes pedras de toque da alma.<sup>6</sup>

A moral precisa ser superada por ela mesma, ela deve ser atravessada por ela mesma, sendo levada ao limite até que não tenha mais condições de sustentação.

Nietzsche, ao fazer uma análise da filosofia moderna, a entende como um *ceticismo epistemológico*, e também como uma filosofia anticristã. No entanto, o filósofo afirma que embora anticristã a filosofia de seu tempo não é antirreligiosa, pois há aí tanto dogmatismo quanto nas religiões. Mas, afinal, como é possível um anticristão religioso? Muito se pode entender com a afirmação de Nietzsche e com a questão posta acima. O filósofo alemão constatou na obra *Gaia Ciência*, que Deus está morto e que os próprios homens o mataram. O anúncio da morte de Deus, feita pelo homem louco é talvez uma das mais significativas passagens da obra nietzschiana e embora extensa nos parece importante citá-la.

O homem louco. - Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: “Procuro Deus! Procuro Deus!”? - E como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada. Então ele está perdido? perguntou um deles. Ele se perdeu como uma criança? disse um outro. Está se escondendo? Ele tem medo de nós? Embarcou num navio? Emigrou? - gritavam e riam uns para os outros. O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. “Para onde foi Deus?”, gritou ele, “já lhes direi! Nós o matamos – vocês e eu. Somos todos seus assassino! Mas como fizemos? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós, ao desatar a terra do seu sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para a frente, em todas as direções? Existem ainda 'em cima' e 'embaixo'? Não sentimos na pele o sopro do vácuo? Não se tornou ele mais frio? Não anoitece eternamente? Não temos que acender lanternas de manhã? Não ouvimos o barulho dos coveiros a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? - também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolar, a nós, assassinos entre os assassinos? O mais forte e mais sagrado que o mundo até então possuirá sangrou inteiro sob os nossos punhais – quem nos limpará este sangue? Com que água poderíamos nos lavar? Que ritos expiatórios, que jogos sagrados teremos de inventar? A grandeza desse ato não é demasiado grande para nós? Não deveríamos nós mesmos nos tornar deuses,

---

<sup>6</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Além do bem e do mal. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 37.

para ao menos parecer dignos dele? Nunca houve um ato maior – e quem vier depois de nós pertencerá, por causa desse ato, a uma história mais elevada que toda história até então!” Nesse momento silenciou o homem louco, e novamente olhou para seus ouvintes: também eles ficaram em silêncio, olhando espantados para ele.<sup>7</sup>

Nota-se no citado aforismo a semelhança, não por acaso, de um relato de Diógenes Laércio, no qual um louco com lanterna na mão procura um homem pelas ruas da Grécia Antiga. Aqui o louco procura Deus em meio a descrentes, no qual podemos pensar os intelectuais modernos, em sua grande maioria ateus, que embora neguem Deus não se livram da sombra de um valor que vive entre os homens, ainda que de forma eclipsada. Estes ateus zombam do louco e não veem seriedade em sua busca incessante. É no instante em que o homem com a lanterna afirma que eles, todos eles são os assassinos de Deus, que o homem louco passa a ser ouvido.

A questão então é: como o homem viverá desamparado, sem aquilo que lhe servia de pilar? Nietzsche mostrará através das perguntas perturbadoras do “insensato”, que o homem deve assumir a responsabilidade de seu ato. Depois que a luz, o horizonte, o grande consolo se desfaz, o homem não tem mais um norte por onde referenciar seus valores, ou onde se apoiar. E então o louco percebe que aqueles ali presentes não são ainda capazes de se erguer e construir uma nova tábua de valores. Eles apagam, destroem, e criam substitutos para o Deus morto, com outros nomes.

Novas lutas. - Depois que Buda morreu, sua sombra ainda foi mostrada numa caverna durante séculos – uma sombra imensa e terrível. Deus está morto; mas, tal como são os homens, durante séculos ainda haverá cavernas em que sua sombra será mostrada. - Quanto a nós – nós teremos que vencer também a sua sombra.<sup>8</sup>

É nesse momento de desamparo e falta de respostas, onde o homem luta para vencer seus fantasmas, que o niilismo se consuma na modernidade.

Nietzsche encerra seu texto sobre o homem louco, com o resultado da visita do “insensato” às Igrejas. Nesse momento percebemos não somente a consumação da morte de Deus, mas o significado deste acontecimento para as diversas instâncias da sociedade. O que para uns é vazio, para outros torna-se saída. As igrejas guardam o corpo de Deus como saída para a manutenção de uma ordem fadada ao fracasso. O Deus morto, é um desdobramento próprio de um determinado momento histórico, o

---

<sup>7</sup> NIETZSCHE, Friedrich. A gaia ciência. São Paulo: Companhia das letras, 2005. p. 147-148.

<sup>8</sup> NIETZSCHE, Friedrich. A gaia ciência. São Paulo: Companhia das letras, 2005. p. 135.

que morre não é simplesmente o grande Senhor do cristianismo, mas todo um critério valorativo que serviu durante milênios como modelo estruturador de uma ordem civilizatória. Quando Nietzsche afirma que este morreu e fede, não é apenas o símbolo maior do Ocidente, mas também tudo aquilo que desde a Antiguidade serve de parâmetro para o homem. Morre a crença em noções como “fim”, “unidade” e “ser”. Morre a deusa razão dos antigos e modernos, o Deus dos cristãos e os deuses ainda existentes.

Retomando *Além do bem e do mal*, o que ocorre é que o homem, mesmo sem Deus, por comodidade e utilitarismo, não consegue ou não quer se livrar dos dogmas religiosos. A religião é responsável por limitar o homem no que diz respeito às suas ações, buscando construir uma moral que, amenizando as dores e questionamentos humanos, o leva a uma negação de suas potencialidades. Nisso há um niilismo com a máscara mais daninha. O homem que não consegue se livrar de suas amarras, mesmo constatando que estas são ficções, encontra-se radicalmente envenenado por um sentimento que o enfraquece e o adormece.

O sacrifício é apontado como um ritual que acompanha o homem desde o *período pré-moral*. Porém, na passagem de um período para o outro, há outra mudança de perspectiva, ou seja, não é mais o resultado da ação ou o valor da intenção, mas o homem que antes sacrificava pessoas agora passa a sacrificar seus próprios instintos. O problema agora é que se o homem sacrifica tudo que tem, ou seja, seus próprios instintos, o que restaria então para pôr em sacrifício? Nietzsche responde:

Não era preciso, finalmente, sacrificar tudo o que há de consolador, sagrado, salvador, toda esperança, toda fé numa harmonia oculta, em bem-aventuranças e justiças futuras? Não era preciso sacrificar o próprio deus, e, por crueldade a si mesmo, adorar a pedra, a imbecilidade, a gravidade, o destino, o nada? Sacrificar Deus ao nada – esse paradoxal mistério da crueldade derradeira ficou reservado para a geração que surge agora: todos nós já sabemos alguma coisa disso. –<sup>9</sup>

Depois de uma longa história de inúmeros sacrifícios o que resta ao homem? Nada. O niilismo está posto, resta saber o que cada um fará com ele, dele e para ele e, principalmente, para livrar-se dele.

Em *Contribuição à história natural da moral*<sup>10</sup>, Nietzsche pretende se lançar

---

<sup>9</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 54.

<sup>10</sup> Quinto capítulo de *Além do bem e do mal*.

em uma pesquisa para reunir material e entender como se dá o nascimento, crescimento e morte dos sentimentos de valor. Para ele, o erro dos pensadores até então foi desejar a fundamentação da moral, e cada um o fez à sua maneira. Aqui, percebe-se a crítica feita pelo filósofo alemão, principalmente a Kant. Nietzsche é o primeiro filósofo que desmascara o que há por trás de uma fundamentação moral, e percebe que só se chega verdadeiramente ao problema da moral quando se compara as “possíveis morais”. Nas suas palavras: “não chegaram a ter em vista os verdadeiros problemas da moral – os quais emergem somente na comparação de muitas morais”<sup>11</sup>. Sobre a moral, diz Nietzsche:

Considere-se toda moral sob esse aspecto: a “natureza” nela é que ensina a odiar o *laissez aller*, a liberdade excessiva, e que implanta a necessidade de horizontes limitados, de tarefas mais imediatas – que ensina o estreitamento das perspectivas, e em determinado sentido também a estupidez, como condição de vida e crescimento.<sup>12</sup>

O filósofo alemão entrega-se completamente à pesquisa e, também nesta obra se percebe o que posteriormente se transformaria em uma genealogia da moral. No primeiro capítulo de *Além do bem e do mal*, Nietzsche aponta para a importância de uma nova espécie de filósofos, que sejam capazes de filosofar além do bem e do mal, ou seja, enfrentando os sentimentos de valor vigentes.

Os grandes problemas da moral surgem na Grécia Antiga, primeiramente com a priorização que Sócrates dá à razão e, em seguida, na dicotomia platônica entre mundo sensível e mundo inteligível. Platão, quando lança mão do mundo sensível como “inferior” ao inteligível, desvaloriza a vida em prol da busca pela Verdade.

Platão... quis, com toda a energia – a maior energia que um filósofo já empregara! -, provar a si mesmo que razão e instinto se dirigem naturalmente a uma meta única, ao bem, a “Deus”; e desde Platão todos os teólogos e filósofos seguem a mesma trilha – isto é, em questões morais o instinto, ou a “fé”, como dizem os cristãos, ou “o rebanho”, como digo eu, triunfou até agora.<sup>13</sup>

Nietzsche entende instinto de rebanho, ou instinto gregário, como o retrato do homem guiado pelo cristianismo. Os valores judaico-cristãos buscam nivelar o povo e

---

<sup>11</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Além do bem e do mal. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 74-75.

<sup>12</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Além do bem e do mal. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 77-78.

<sup>13</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Além do bem e do mal. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 83.

domesticá-lo, para que desse modo a dominação aconteça sem resistência. E, para que essa dominação ocorra, valores como obediência e temor criam tamanha relevância que faz com que o homem viva uma existência de medo. Embora ele acredite obedecer a Deus, na realidade o que há é uma instituição que criou uma moral baseada na ideia de Deus. Essa moral busca preservar a humanidade a qualquer custo, e essa preservação finda por aniquilar as forças que são naturais de cada ser humano, pois não há mais necessidade de conflito. O homem se torna acomodado e passa a ver a própria vida como algo pesado.

Historicamente os povos foram educados a obedecer e não a mandar, salvo algumas exceções. Em Roma, a vingança, a astúcia, a ânsia de domínio, eram tidas como morais. Porém, com os novos valores, o que eram qualidades passam a ser pecado, e há uma completa inversão dos valores.

O quanto de perigoso para a comunidade, para a igualdade, existe numa opinião, num estado ou afeto, numa vontade, num dom, passa a constituir a perspectiva moral: o temor é aqui novamente o pai da moral. Quando os impulsos mais elevados e mais fortes, irrompendo passionalmente, arrastam o indivíduo muito acima e além da mediania e da planura da consciência de rebanho, o amor-próprio da comunidade se acaba, sua fé em si mesma, como que sua espinha dorsal é quebrada: portanto, justamente esses impulsos serão estigmatizados e caluniados.<sup>14</sup>

Os valores que dominam a Europa do século XIX são os valores da moral de rebanho. É a nova espécie de filósofos, ou seja, os *filósofos do futuro*, que estão incumbidos de *transvalorar*, de buscar o novo, de criar. Seriam esses filósofos do futuro também os que apontariam as saídas para um ultrapassamento do niilismo? No aforismo intitulado *Nós, que somos de outra fé*, Nietzsche dirá:

...para onde apontaremos nós as nossas esperanças? – para novos filósofos, não há escolha; para espíritos fortes e originais o bastante para estimular valorizações opostas e tresvalorar e transtornar “valores eternos”, para precursores e arautos, para homens do futuro que atem no presente o nó, a coação que impõe caminhos novos à vontade de milênios.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Além do bem e do mal. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 88.

<sup>15</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Além do bem e do mal. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 91.



É interessante perceber as oscilações do pensador alemão quanto à crença nesses novos espíritos. Em alguns momentos ele se percebe como tal, e afirma haver outros com ele. Em outros momentos olha de fora, como quem espera uma mudança que não acontecerá em seu tempo, mas somente no futuro. O próprio Nietzsche, que embora se visse como o primeiro niilista completo da Europa, não se livrou do sentimento aterrorizante do Nada.

## II

Na obra *Genealogia da Moral*, Nietzsche se lança para além da busca pela origem da moral. Com este escrito, o filósofo alemão pretende apontar os problemas existentes em torno do valor da moral. Para Thelma Lessa da Fonseca, o objetivo de Nietzsche com esta obra é: “perscrutar a procedência da moral e, daí, declarar que ela não é eterna e que suas leis, outrora entendidas como imutáveis não possuem fundamento transcendente algum”<sup>16</sup>.

Nietzsche inicia retomando seu educador Schopenhauer e o valor que este conferiu ao não-egoístico, dizendo: “não-egoísmo’, dos instintos de compaixão, abnegação, sacrifício, que precisamente Schopenhauer havia dourado, divinizado, idealizado, por tão longo tempo que afinal eles lhe ficaram como “valores em si”, com base nos quais ele disse não à vida e a si mesmo”<sup>17</sup>. A partir destas palavras, podemos apontar para uma primeira conclusão acerca da relação entre homem e moral, qual seja: os valores são conferidos à moral por nós mesmos. Nietzsche alimentava uma profunda desconfiança dos “instintos” defendidos por Schopenhauer, ou seja, dos valores que seu mestre conferiu à moral. Havia na filosofia schopenhaueriana mais budismo do que Nietzsche era capaz de aceitar. A filosofia do autor de *O mundo como vontade de como representação* era para seu educando uma filosofia da compaixão e do sofrimento. Em *Crepúsculo dos Ídolos*, o autor de Zarathustra seguindo a lógica do não-egoísmo mostra como o homem prejudica a si mesmo quando tenta ser altruísta.

Escolher instintivamente o que é prejudicial *para si*, ser *atraído* por motivos “desinteressados” é praticamente a fórmula da *décadence*. “Não buscar sua *própria* vantagem” - isto é apenas a folha de parreira moral para cobrir um fato bem diferente, ou seja, fisiológico: “Não sou mais capaz de *encontrar* minha vantagem”... Desagregação dos instintos! O ser humano está no fim, quando se torna altruísta. Em lugar de dizer ingenuamente “*eu não valho mais nada*”, a mentira moral diz, na boca do *décadent*: “Nada tem valor- a *vida* não vale

---

<sup>16</sup> FONSECA, Thelma L. da. Nietzsche e a auto-superação da Crítica. São Paulo: Humanitas Editorial; Fapesp, 2007. p. 32.

<sup>17</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 11.

nada”...<sup>18</sup>

É a partir dessa valorização do “não-egoísmo”, que o homem passa a se afastar de si e se aproximar do perigoso “nada”. Para Nietzsche, o homem é seduzido e tentado a esse nada, e esse seria talvez o “grande perigo para a humanidade”.

[...] precisamente nisso enxerguei o começo do fim, o ponto morto, o cansaço que olha para trás, a vontade que se volta contra a vida, a última doença anunciando-se terna e melancólica: eu compreendi a moral da compaixão, cada vez mais se alastrando, capturando e tornando doentes até mesmo os filósofos, como o mais inquietante sintoma dessa nossa inquietante cultura europeia; como o seu caminho sinuoso em direção a um novo budismo? a um budismo europeu? a um – *niilismo*?...<sup>19</sup>

O niilismo moderno, dessa maneira surgiria a partir da moral da compaixão, esse budismo europeu. Essa moral schopenhaueriana é um reflexo, uma exteriorização, um tornar-se visível da fraqueza constitutiva (decadência, niilismo e pessimismo) do homem moderno. Por sinal, aqui reside uma bela leitura nietzschiana do pessimismo de Schopenhauer. A época de seu educador necessitava de seu pessimismo como contraponto lúcido ao desvario otimista, último estertor da moral cristã, que se nutria das filosofias do Idealismo Alemão. Quando se deixa de valorizar a vida, ou melhor, quando o homem passa a valorar a vida, quando o homem se volta contra a vida, ele passa a olhar para trás e esse retrocesso o carrega para o esvaziamento de sentido. A vida já não parece mais passível de ser valorada.

Podemos considerar Nietzsche o filósofo da novidade. Dentre as novidades que este pensador anuncia está a exigência de uma crítica dos valores morais, e mais que isso, uma crítica ao valor destes valores. Ou seja, embora praticamente toda a filosofia Ocidental seja composta de críticas aos valores morais, Nietzsche busca aplicar a genealogia como maneira necessária para compreender e lançar críticas a tal moral, não mais compreendendo esta como algo constitutivo do ser humano, mas como algo criado por este.

Para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram (moral como consequência, como sintoma, máscara, tartufice, doença, mal-entendido; mas também moral como causa,

---

<sup>18</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Crepúsculo dos ídolos. São Paulo: Companhia das letras, 2008. p. 83.

<sup>19</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 11.

medicamento, estimulante, inibição, veneno), um conhecimento tal como até hoje nunca existiu nem foi desejado.<sup>20</sup>

Dessa forma, antes de qualquer coisa torna-se necessária fazer uma genealogia da moral. É preciso que se investiguem as origens para que se comece a compreender a moral e suas máscaras. Esta tarefa é deveras difícil, afinal a moral se desdobra e pode assumir a veste de um veneno, ou seja, de algo prejudicial. Também pode vestir-se de estimulante e assim algo vantajoso. No entanto, está em Nietzsche essa predisposição à “investigação”. Partindo de sua educação histórica e filológica, atrelada ao “senso seletivo em questões psicológicas”, o filósofo alemão se põe a investigar a moral e os juízos de valor que pertencem a esta “doença”. Para nós, esta investigação leva também ao interior do niilismo europeu. O homem nasce permeado de valores morais que se mostram socialmente aceitos, e por isso, inquestionáveis. Porém, cabe se perguntar a quem é interessante que pensemos ser o “bom” mais elevado que o “mau”. Essa pergunta pode soar ingênua a princípio, mas quando nos questionamos sobre quem estipulou o que é “bom” e o que é “mau”, a pergunta parece ser extremamente pertinente.

E se o contrário fosse a verdade? E se no “bom” houvesse um sintoma regressivo, como um perigo, uma sedução, um veneno, um narcótico, mediante o qual o presente vivesse como que às *expensas do futuro*? Talvez de maneira mais cômoda, menos perigosa, mas também num estilo menor, mais baixo?... De modo que precisamente a moral seria culpada de que jamais se alcançasse o supremo brilho e potência do tipo homem? De modo que precisamente a moral seria o perigo entre os perigos?...<sup>21</sup>

Nessa passagem, Nietzsche nos faz um questionamento, qual seja: a moral estaria a nosso favor? Ao que parece essa moral que impera a mais de dois mil anos levou o homem a apagar-se, e essa falta de brilho e de força, o tornou niilista. O homem moral é essencialmente niilista, pois a moral é negadora da potência, e potência é vida. Desta maneira, aquilo que nega a vida, ou seja, que a valora negativamente, ou simplesmente, que a valora, é niilismo. O niilismo se encontra na própria visão moral do mundo, e quando colocamos a vida a disposição desta visão findamos por valorá-la, e assim pesamos a vida com uma balança niilista. O niilismo está intrinsecamente ligado a moral socrática-platônica cristã.

---

<sup>20</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 12.

<sup>21</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 12.

Na dissertação intitulada “*Bom e mau*”, “*bom e ruim*”, primeira das três dissertações que compõem a *Genealogia*, diz Nietzsche: “A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação”.<sup>22</sup> O homem de rebanho torna-se criador, mas o que pode criar um homem esvaziado? A resposta é simples: vazio, nada. Se de um lado a moral nobre afirma a existência, por outro, a moral escrava a nega. O homem gregário diz não a tudo o que está fora, que é outro e com isso deixa de olhar para si. “...a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto – sua ação é no fundo reação”.<sup>23</sup> Quando se trata de fortes, o agir é espontâneo, ou seja, é ação, força. O Não é apenas um desenho em tons de cinza perto das cores do Sim.

Nietzsche recorre à aristocracia grega para mostrar como se relacionavam fortes e fracos antes dessa inversão de valores.

Os “bem-nascidos” se *sentiam* mesmo como os “felizes”; eles não tinham de construir artificialmente a sua felicidade, de persuadir-se dela, *menti-la* para si, por meio de um olhar aos seus inimigos (como costumam fazer os homens do ressentimento); e do mesmo modo, sendo homens pleno, repletos de força e portanto *necessariamente* ativos, não sabiam separar a felicidade da ação – para eles, ser ativo é parte necessária da felicidade (nisso tem origem [fazer bem: estar bem]) – tudo isso o oposto da felicidade no nível dos impotentes, oprimidos, achacados por sentimentos hostis e venenosos, nos quais ela aparece essencialmente como narcose, entorpecimento, sossego, paz, “sabbat”, distensão do ânimo e relaxamento dos membros, ou, numa palavra, *passivamente*.<sup>24</sup>

A felicidade deixa de ser energia e passa a ser repouso. Enquanto a retidão de sentimentos e palavras é engrandecida entre nobres, entre homens apegados os sentimentos e palavras passam por desvios, curvas, desníveis. Falta transparência. É em uma dessas curvas que o homem adentra o terreno do niilismo. O ressentido transforma o nobre “bom” em “mau”, e com isso os valores se invertem e a moral do forte não mais domina, os homens passam a viver sob o domínio da moral do ressentimento.

---

<sup>22</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 26.

<sup>23</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 26.

<sup>24</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 27.

O que constitui hoje nossa aversão ao “homem”? - pois nós sofremos do homem, não há dúvida. - Não o temor; mas sim que não tenhamos mais o que temer no homem; que o verme “homem” ocupe o primeiro plano e se multiplique; que o “homem manso”, o incuravelmente medíocre e insosso, já tenha aprendido a se perceber como apogeu e meta – que tenha mesmo um certo direito a assim sentir, na medida em que se perceba à distância do sem-número de malogrados, doentios, exaustos, consumidos, de que hoje a Europa começa a feder, portanto como algo ao menos relativamente logrado, ao menos capaz de vida, ao menos afirmador de vida...<sup>25</sup>

O homem tornou-se mínimo, vazio, niilista. A Europa sucumbiu e busca-se urgentemente afirmadores da vida, ou seja, fortes que não foram completamente apagados pelos ressentidos. Nietzsche espera encontrar o que temer, um “acaso feliz” que possa redimir o homem e assim ter novamente *fé no homem*. A falta de fé simboliza o cansaço do homem diante de si mesmo e isso é niilismo. “A visão do homem agora cansa – o que é hoje o niilismo, se não isto?... Estamos *cansados do homem*...”<sup>26</sup>.

Na terceira e última dissertação a qual Nietzsche intitulou “*O que significam ideais ascéticos?*”, o filósofo alemão buscou mostrar como o ascetismo se dá nas diversas camadas da sociedade e o que ele significa para o homem. Já no primeiro aforismo o problema parece estar resolvido. Ele caminha buscando o que significa o ideal ascético para os artistas, e para estes seriam muitas coisas ou simplesmente nada. Para eruditos e filósofos seria uma espécie de instinto capaz de levá-los a elevação espiritual. Já para a maioria dos homens, ou seja, os “desgraçados”, seria “sua grande arma no combate a longa dor e ao tédio”. O homem de rebanho se apavora diante da possibilidade de sentir dor e busca de qualquer maneira banir essa dor, e assim através do ascetismo se veem como bons demais para esse mundo e passam a ansiar profundamente um outro mundo.

Para os sacerdotes o ideal ascético passa a ser sua principal forma de exercer o poder. Para os santos o descanso no nada, que para Nietzsche significa o mesmo que o descanso em Deus.

Porém, no fato de o ideal ascético haver significado tanto para o homem se expressa o dado fundamental da vontade humana, o seu *horror vacui* [horror ao vácuo]: ele precisa de um *objetivo* – e preferirá ainda *querer o nada a nada querer*. - Compreendem?... Fui

---

<sup>25</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 31.

<sup>26</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 32.

compreendido?... “*Absolutamente não, caro Senhor!*” - Então comecemos do início.<sup>27</sup>

E assim entendemos que nos ideais ascéticos mora o niilismo. O homem não suporta viver sem saber as causas dos acontecimentos. O homem não suporta viver sem desejar e sem algo para se sustentar. E se não há mais nada para conhecer e para desejar, o próprio nada é o que se quer. Para religiosos, Deus é esse nada. Para filósofos a própria filosofia, e ambas, religião e filosofia, estariam submetidas à mesma moral.

Para Nietzsche ascetismo e contemplação estão intimamente ligados. Os homens inativos, não guerreiros, quando surgem são desprezados. Para inverter tal desprezo, os homens contemplativos despertam o temor dos demais e é através dos ideais ascéticos que esse sentimento de medo surge entre aqueles que não partilhavam do poder da contemplação.

[...] de início, o espírito filosófico teve sempre de imitar e mimetizar os tipos *já estabelecidos* do homem contemplativo, o sacerdote, o feiticeiro, o adivinho, o homem religioso, em suma, para de alguma maneira *poder* existir: por um longo tempo o ideal ascético serviu ao filósofo como forma de aparecer, como condição de existência – ele tinha de *representá-lo* para poder ser filósofo, tinha de crer nele para poder representá-lo.<sup>28</sup>

Dessa maneira, a filosofia até a modernidade tem ligação direta com o ascetismo. Assim, desde os primeiros homens contemplativos até os contemporâneos de Kant, passando por sacerdotes e feiticeiros, há um mergulho profundo no niilismo. Filosofia, ascetismo e niilismo, uma trindade que deu certo. Nietzsche conheceu de maneira próxima essa relação, pois seus mestres Wagner e Schopenhauer foram antes de tudo, ascetas. Nos ascetas existe uma contradição muito séria para Nietzsche, qual seja, a *vida contra a vida*. Esse choque não é simplesmente um problema psicológico, mas também fisiológico e isso torna o ascetismo um *absurdo*.

Nietzsche mostrará que também há perspectivas nos ideais ascéticos. Os ideais ascéticos serviram para a preservação da vida. O homem decadente, começa a degenerar e entende que precisa buscar algo para proteger a sua vida do completo esvaziamento. Tais ideais surgem então do instinto que o ser humano tem para a cura. Haveria dessa maneira duas perspectivas para compreender os ideais ascéticos,

---

<sup>27</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 80.

<sup>28</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 97.

a primeira seria a que nega a vida como sendo a vida sofrimento. A segunda seria a que defende e busca manter a vida, mesmo que não o faça de maneira direta. Os sacerdotes desejam ser um outro, e é esse desejo que move tanto o próprio sacerdote ascético como seus seguidores. Essa vontade de ser outro é ainda uma vontade e finda por preservar de alguma maneira a existência.

[...] como não seria um tão rico e corajoso animal também o mais exposto ao perigo, o mais longa e profundamente enfermo entre todos os animais enfermos?... O homem frequentemente está farto, há verdadeiras epidemias desse estar-farto (- como por volta de 1348, no tempo da dança da morte): mas mesmo esse nojo, essa fadiga, esse fastio de si mesmo – tudo isso irrompe tão poderosamente nele, que se torna imediatamente um novo grilhão. O Não que ele diz à vida traz à luz, como por mágica, uma profusão de Sins mais delicados; sim, quando ele fere, esse mestre da destruição, da autodestruição – é a própria ferida que em seguida o faz *viver*...<sup>29</sup>

Entendamos aqui nojo, fadiga e fastio como sentimentos que levam ao niilismo. Assim, essa citação aponta para uma importante questão do presente trabalho: o niilismo é um problema histórico, que está no próprio movimento da humanidade, e dessa maneira é algo vivo e persistente.

Se esse nojo, e mais especificamente o nojo ao homem desencadeia também uma compaixão pelo homem, tal casamento seria a “última vontade do homem”, e essa vontade derradeira é a vontade de nada, o niilismo. Aqui Nietzsche define-o como sendo a união entre o nojo do homem por si mesmo e a compaixão decorrente desse nojo. Quem dissemina esse sentimento entre os homens não são aqueles tidos como os maus, ou seja, não são os animais de rapina, os fortes. São os doentes, os mais fracos que inundam a humanidade com sentimentos negativos.

Esses homens surgiriam de uma espécie de agravamento do ascetismo. Se os ascetas anseiam por ser outro, e esse anseio os torna de certa maneira desejantes da vida, quando eles percebem que não há possibilidade de ser um outro e que a única vida possível é esta, não há mais anseio por nada, mas pelo nada. Os sacerdotes ascéticos possuem, segundo Nietzsche uma importante missão:

De fato ele defende muito bem o seu rebanho enfermo, esse estranho pastor – ele o defende também de si mesmo, da baixeza, perfídia, malevolência que no próprio rebanho arde sob as cinzas, e do que mais for próprio de doentes e combalidos; ele combate, de modo

---

<sup>29</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 102.

sagas, duro e secreto, a anarquia e a autodissolução que a todo momento ameaçam o rebanho, no qual aquele mais perigoso dos explosivos, o *ressentimento*, é continuamente acumulado. Descarregar este explosivo, de modo que ele não faça saltar pelos ares o rebanho e o pastor, é a sua peculiar habilidade, e suprema utilidade; querendo-se resumir numa breve fórmula o valor da existência sacerdotal, pode-se dizer simplesmente: o sacerdote é aquele que *muda a direção* do ressentimento.<sup>30</sup>

Compreende-se então que esse pastor possui um poder imenso, capaz de transformar a própria existência. Essa mudança na direção do ressentimento se dá também quando o homem sofredor busca no mundo e nos outros a causa de sua dor. Seu sacerdote o faz entender que a responsabilidade do sofrimento e da dor é do próprio doente e assim consegue direcionar o ressentimento para outras vias. O homem de rebanho não passa a ter como único inimigo o animal de rapina, pois ele próprio é causador de sofrimento.

Em vias de conclusão, Nietzsche nos faz um alerta em relação ao sacerdote ascético entendido como um médico. Para o pensador alemão, isto seria um equívoco, pois embora ele medique seus súditos, o mesmo é incapaz de investigar as causas da doença e com isso é incapaz de curá-la efetivamente. O sofredor aprende maneiras paliativas para combater o sofrimento e não é capaz de encontrar a origem de sua doença para poder ansiar por uma vida sem dor.

Se tanto sacerdotes como filósofos estão à disposição dos ideais ascéticos, quem ou o que poderia se opor a esses ideais? A resposta de Nietzsche continua a mesma desde *O nascimento da tragédia*, qual seja, a arte. A ciência não foi capaz, na realidade tornou-se também corruptível. Na arte há uma boa consciência, a vontade de iludir não é vista como negativo e a mentira é santificada. Porém, segundo Nietzsche o artista é facilmente corruptível (leia-se Wagner) e essa corrupção é para ele talvez a mais grave. “Considerem-se os períodos da história de um povo nos quais o homem douto ganha evidência: são épocas de cansaço, muitas vezes de crepúsculo, decadência – a força que transborda, a certeza de vida, a certeza de futuro se foram”<sup>31</sup>. Platão foi um douto este douto que “desbancou” Homero.

Precisamente a autodiminuição do homem, sua *vontade* de diminuir-se, não se acha em avanço irresistível desde Copérnico? Oh, a crença em sua dignidade, singularidade, insubstituibilidade na hierarquia dos seres se foi – ele se tornou *bicho*, anima, sem metáfora, restrição

---

<sup>30</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 107-108.

<sup>31</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 132.



ou reserva, ele, que em sua fé anterior era quase Deus (“filho de Deus”, “homem Deus”)... Desde Copérnico o homem parece ter caído em um plano inclinado – ele rola, cada vez mais veloz, para longe do centro – para onde? rumo ao nada? Ao “*lancinante* sentimento do seu nada”?...<sup>32</sup>

Nesta citação podemos entender que uma tentativa de saída através da ciência não funciona de fato como saída do niilismo, ao contrário, é um mergulho mais fundo, pois agora não há mais a crença em Deus, e perde-se também a crença no próprio homem. Se os sacerdotes ascéticos não conseguiram ser bons médicos, os cientistas não são superiores.

A moderna historiografia é, em seu cerne, niilista. A historiografia passa apenas a buscar constatar e descrever, não mais a provar ou negar. Isso para o filósofo alemão significa ascetismo, e em última instância também niilismo. Nas palavras de Nietzsche:

Vemos um olhar triste, duro, porém decidido – um olho que *olha para longe*, como faz um explorador polar desgarrado (para não olhar para dentro? Não olhar para trás?...). Há apenas neve, a vida emudeceu; as últimas gralhas que se fazem ouvir dizem “Para quê?”, “Em vão!”, “*Nada!*” - nada mais cresce ou medra, no máximo metapolítica petersburguense e “compaixão” tolstoiana.<sup>33</sup>

Os modernos, à medida que se distanciam de si e olham para longe ansiando acabar com o presente, torna-se niilista pois esse anseio por um além em detrimento de um anseio pela vida torna o homem negador. Assim como a natureza proporcionou chifres aos touros e dentes aos leões, também proporcionou ao homem pés, não simplesmente para correr ou andar, mas para pisar, e mais precisamente, para pisotear todos os ideais ascéticos desonestos. “Todo o meu respeito ao ideal ascético, na medida em que é honesto! enquanto crê em si mesmo e não nos prega peças!”<sup>34</sup>. Para ele a honestidade é uma grande qualidade, e como o próprio niilismo, os ideais ascéticos possuem uma face respeitável.

Nas últimas páginas de sua *Genealogia*, Nietzsche nos aponta algumas respostas que nos parece de suma importância. Ele explica que deixará de lado as complexidades do espírito moderno pois “Tais coisas serão por mim tratadas em

---

<sup>32</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 133.

<sup>33</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 134-135.

<sup>34</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 13

outro contexto, com maior profundidade e severidade (sob o título de 'História do niilismo europeu'; numa obra que estou preparando: *A vontade de poder. Ensaio de tresvaloração de todos os valores*)<sup>35</sup>. Essas palavras nos parecem importantes pois embora a *Genealogia da Moral* seja uma obra que ponha em relevo a questão do niilismo, não como tema central, mas como tema complementar de suma importância, Nietzsche sabia que tal noção merecia não apenas aparecer como complemento de suas obras a respeito da moral, mas como noção-chave para compreender a própria modernidade<sup>36</sup>.

Nietzsche diz: “[...] pereceu o cristianismo como dogma, por obra de sua própria moral; desta maneira, também o cristianismo *como moral* deve ainda perecer – estamos no limiar deste acontecimento”<sup>37</sup>. O filósofo afirma que os dois próximos séculos (seguindo de seu século) serão o palco para esse perecimento da moral. E Nietzsche conclui:

Não se pode em absoluto esconder o que expressa realmente todo esse querer que do ideal ascético recebe sua orientação: esse ódio ao que é humano, mais ainda ao que é animal, mais ainda ao que é matéria, esse horror aos sentidos, à razão mesma, o medo da felicidade e da beleza, o anseio de afastar-se do que seja aparência, mudança, morte, devir, desejo, anseio – tudo isso significa, ousemos compreendê-lo, como *vontade de nada*, uma aversão à vida, uma revolta contra os mais fundamentais pressupostos da vida, mas é e continua sendo uma *vontade!*... E, para repetir em conclusão o que afirmei no início: *o homem preferirá ainda querer o nada a nada querer...*<sup>38</sup>

Ideais ascéticos e niilismo possuem uma forte ligação. Além disso, o niilismo e o ascetismo só se acentuam devido à exacerbação da moral socrática-platônica-cristã. Desse modo, o homem moderno se sustenta na vontade de nada para fugir do nada de vontade. No entanto, esse sustentáculo é frágil e possui em suas bases enganos milenares.

Quando o niilista se livra da ideia de um mundo verdadeiro, ou seja, quando esse mundo verdadeiro se torna uma fábula, no desespero o homem finda por abolir também o mundo aparente. Infelizmente abolir o mundo aparente significa reduzir a

---

<sup>35</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 137.

<sup>36</sup> Tal obra não chegou a ser publicada, chegando a nós apenas os aforismos póstumos onde Nietzsche esboçou questões profundas acerca do niilismo europeu.

<sup>37</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 138.

<sup>38</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 140.

nada tudo o que temos. Em *Crepúsculo dos Ídolos*, diz Nietzsche:

Abolimos o mundo verdadeiro: que mundo restou? O aparente, talvez?... Não! *Com o mundo verdadeiro abolimos também o mundo aparente!*

(Meio-dia; momento da sombra mais breve; fim do longo erro; apogeu da humanidade; INCRIPIT ZARATUSTRA [começa Zaratustra])<sup>39</sup>.

A bela metáfora do meio-dia, onde há uma clareza quase que total e não há mais como esconder, serve para mostrar qual o próximo momento do europeu. Nietzsche lança seu Zaratustra para tentar guiar a humanidade para longe dos velhos erros.

### **Referências Bibliográficas**

- ARALDI, Clademir Luís. Niilismo, Criação, Aniquilamento – Nietzsche e a filosofia dos extremos. 1. ed. São Paulo: Unijui, 2004
- FONSECA, Thelma Lessa da. Nietzsche e a auto-superação da Crítica. 1. ed. São Paulo: Humanitas Editorial; Fapesp, 2007
- MACHADO, Roberto. Nietzsche e a Verdade. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1985
- NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da Moral. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009
- NIETZSCHE, Friedrich. Além do bem e do mal. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009
- NIETZSCHE, Friedrich. A gaia ciência. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005
- NIETZSCHE, Friedrich. Crepúsculo dos ídolos. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008
- NIETZSCHE, Friedrich. Sobre o niilismo e o eterno retorno. In: Os pensadores. 4. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1987
- NIETZSCHE, Friedrich. Assim falava Zaratustra. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007

---

<sup>39</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Crepúsculo dos ídolos. São Paulo: Companhia das letras, 2008. p. 32.